

Para além da dancinha: história pública no TikTok

*Gabriel Antonio BUTZEN¹
Tereza M. SPYER DULCI²*

Resumo: O TikTok tem se consolidado como uma plataforma relevante para a História Pública, ao permitir que conteúdos históricos alcancem um público amplo e diverso por meio de vídeos curtos, interativos e multimodais. Este artigo analisa como professores e criadores de conteúdo têm utilizado o TikTok para divulgar narrativas históricas, muitas vezes desafiando versões hegemônicas e promovendo histórias subalternas. A partir de uma abordagem netnográfica, foram mapeados 24 perfis de destaque, com foco em seus temas, estratégias de engajamento e formatos narrativos. A pesquisa demonstra que o TikTok tem potencial pedagógico, especialmente entre os públicos mais jovens, embora enfrente desafios como a desinformação e as bolhas algorítmicas. O artigo argumenta que o uso ético da plataforma pode contribuir para a democratização do conhecimento histórico e reforça a intersecção entre História Pública e Ensino de História no ambiente digital. Conclui apontando possibilidades de curadoria crítica e sugerindo caminhos para futuras investigações.

Palavras-chave: TikTok; História Pública; Ensino de História

¹Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em História pelo PPGHIS da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Graduado em História (Licenciatura) e a especialista em Ensino de História da América Latina. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9009-4757>. TikTok: @gabrielantoniobutzen. Instagram: @gabriel.butzen.

E-mail: gabrielantoniobutzen@gmail.com

²Pós-doutorado realizado no Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe (CIALC), da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Doutorado e mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel e Licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) vinculada a Especialização em Ensino de História e América Latina (EHAL), no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL) e no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS). E professora do Departamento de História (DEHIS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). UNILA. Foz do Iguaçu. PR. Brasil. ORCID:<https://orcid.org/0000-0003-3891-2577>

E-mail: terezaspyer@gmail.com

Beyond the dance: public history on TikTok

Abstract: TikTok has become a relevant platform for Public History by enabling historical content to reach a broad and diverse audience through short, interactive, and multimodal videos. This article examines how teachers and content creators have used TikTok to share historical narratives, often challenging hegemonic versions and promoting subaltern histories. Based on a netnographic approach, the study maps 24 prominent profiles, focusing on their themes, engagement strategies, and narrative formats. The findings show that TikTok holds pedagogical potential, especially among younger audiences, although it faces challenges such as misinformation and algorithmic echo chambers. The article argues that the ethical use of the platform can contribute to the democratization of historical knowledge and highlights the intersection between Public History and History Teaching in digital environments. It concludes by suggesting strategies for critical content curation and directions for future research.

Keywords: TikTok; Public History; History Teaching

Introdução

O TikTok é uma plataforma criada em maio de 2017 pela empresa chinesa ByteDance Ltd. e tem se consolidado como uma rede social e de entretenimento em constante crescimento no Brasil. Segundo o *Data Reportal* (Kemp, 2024), existem 144 milhões de usuários de redes sociais no país, o que representa 66,3% da população. De acordo com o mesmo levantamento, são 98,59 milhões de usuários de TikTok com mais de 18 anos³. Além disso, entre Instagram, YouTube e Facebook, essa é a rede que mais cresceu proporcionalmente entre 2023 e 2024. O TikTok também ocupa o quarto lugar entre as redes sociais mais acessadas mensalmente, ficando atrás, em ordem, do WhatsApp, Instagram e Facebook⁴. No entanto, ao observarmos um recorte específico do relatório — de 1º de julho a 30 de setembro de 2023 —, nota-se que é a plataforma com o maior tempo médio de uso mensal: 30 horas e 10 minutos, superando o WhatsApp, que registra 24 horas e 14 minutos no mesmo período (Kemp, 2024).

Uma pesquisa da Opinion Box⁵, realizada em fevereiro de 2024 com 1008 entrevistados, revelou que dois em cada três usuários acessam o TikTok pelo menos uma vez por dia. Entre as principais atividades na plataforma, 54% relataram consumir conteúdos de humor e descontração, 53% acompanham vídeos de perfis seguidos, 44% interagem com vídeos de amigos e 39% buscam por notícias. Os perfis mais seguidos falam sobre humor (58%), enquanto educação é menos da metade desses (26%). O TikTok lidera a preferência por vídeos curtos (39%), seguida pelo Reels no Instagram (37%), Kwai e Shorts no Youtube (12% cada). Quando precisam pesquisar algo na internet, o TikTok é a primeira opção de 3 a cada 10 entrevistados. E se tomarmos a faixa etária da chamada “geração Z” (nascidos entre 1996-2010), segundo pesquisa da Her Campus Media⁶, o TikTok é escolhido como a primeira ferramenta de busca por

³ Os dados levantados por meio da ByteDance são através de propagandas, ou seja, não computam usuários abaixo de 18 anos.

⁴ Vale ressaltar que o Youtube não foi uma opção na pergunta. É provável que o Youtube ficasse à frente do TikTok caso fosse possível escolher esta plataforma.

⁵A pesquisa está disponível em: <https://materiais.opinionbox.com/infografico-tiktok>.

⁶ Para conferir mais hábitos da “geração Z” ver o relatório da Her Campus Media em: <https://www.hercampusmedia.com/q1-2024-genzology>.

mais da metade dos entrevistados. Ademais, cerca de 3 dos 4 entrevistados da “geração Z” preferem assistir vídeos no TikTok do que em outras plataformas.

O TikTok tem ganhado grande relevância na educação, tanto globalmente quanto no Brasil. Professores têm utilizado a rede social para ampliar seus usos como ferramenta pedagógica, compartilhando conteúdos diversos, dicas de estudo e materiais de apoio. Educadores têm aproveitado o formato dinâmico e acessível da plataforma e seu apelo ao segmento jovem para fomentar seus perfis. A pandemia de Covid-19 intensificou essa tendência, com o isolamento social e o ensino remoto (Monteiro, 2020).

Apesar de desafios relacionados à superficialidade e desinformação, o TikTok tem sido uma ferramenta relevante no processo educacional. Segundo Conde-Caballero *et al* (2024) este espaço digital pode ser um meio eficaz para promover o aprendizado. Isso porque o uso do TikTok pode melhorar o engajamento dos estudantes, incentivar a criatividade e aumentar o interesse em áreas e disciplinas específicas, ampliando seu potencial pedagógico. A plataforma não só contribui para envolver os discentes, como também facilita a compreensão de temas complexos por meio de vídeos curtos.

O ensino dentro e através do TikTok está se tornando um tema de investigação em diversas áreas do conhecimento. No entanto, as pesquisas sobre o uso do TikTok na educação ainda estão em estágio inicial, refletindo um campo emergente que começa a atrair a atenção da academia. Embora alguns estudos mostrem o potencial da plataforma para promover uma aprendizagem criativa e engajadora (Butzen, Dulci, 2024a; Cayono, Perdhani, 2023; Hayes *et al*, 2020), ainda há uma falta de aprofundamento em relação aos impactos de longo prazo, metodologias específicas e análises quantitativas e qualitativas mais robustas para a plataforma⁷.

Por outro lado, muitos professores têm receios em relação ao TikTok. O ceticismo muitas vezes decorre da visão de que os vídeos curtos e virais promovem conteúdos superficiais e distrações, em vez de aprendizados significativos. Educadores temem que o uso excessivo desta rede social prejudique a concentração e o desempenho dos educandos, bem como existem preocupações com relação às questões de proteção da privacidade, isto é, sobre o volume de dados coletados pela plataforma e como essas

⁷ Para uma proposta de metodologia científica aplicada à pesquisa com netnografia no TikTok, ver Butzen e Dulci (2025).

informações são utilizadas. Além disso, a popularidade das dancinhas e dos desafios é, em alguns casos, associada por professores a uma falta de seriedade ou compromisso com a educação formal, o que ressalta a importância de práticas de alfabetização midiática e uso crítico da ferramenta (Olsen, 2023). No entanto, embora essas apreensões sejam muito relevantes (como a qualidade do conteúdo, tempo de uso e proteção de dados), essa perspectiva mais cética muitas vezes ignora ou subestima o potencial educativo da plataforma, inclusive das dancinhas e desafios, que também podem ser usados para incentivar o pensamento crítico e promover a aprendizagem de maneira mais envolvente e adaptada à linguagem digital dos jovens (Ulla *et al*, 2024).

Educadores têm usado seus perfis para didatizar conteúdos complexos de forma criativa, com efeitos visuais e até mesmo debates simulados entre figuras históricas. Além disso, o TikTok tem ampliado o acesso a uma diversidade de perspectivas históricas e a emergência de histórias não hegemônicas, enriquecendo a compreensão dos estudantes acerca dos diferentes processos históricos. Através da plataforma, criadores de conteúdo de diferentes origens culturais e marcadores sociais têm desenvolvido e compartilhado narrativas que, muitas vezes, são negligenciadas ou pouco exploradas pelos currículos convencionais. Isso inclui histórias de comunidades indígenas, afrodescendentes e de outros grupos subalternos. O TikTok, portanto, não apenas facilita o ensino de história, mas também fomenta um ambiente no qual estudantes podem confrontar e desconstruir narrativas, enriquecendo seu aprendizado através de múltiplas perspectivas (Decenilla *et al*, 2022).

Assim, conforme indicamos acima, o TikTok tem se mostrado uma plataforma inovadora no campo da História Pública, permitindo que saberes históricos alcancem um público amplo e diverso de forma acessível e interativa. Através de vídeos curtos, professores e historiadores têm compartilhado informações sobre eventos e processos históricos, bem como debates historiográficos, muitas vezes desafiando as narrativas tradicionais. Além disso, o TikTok facilita a democratização do conhecimento histórico, proporcionando visibilidade para histórias subalternas e perspectivas marginalizadas, que frequentemente não encontram espaço nos currículos convencionais. Essa nova forma de engajamento com a história também permite que estudantes participem ativamente, gerando discussões e interações que enriquecem a compreensão coletiva

dos processos históricos. No campo do Ensino de História, a plataforma contribui para aproximar os conteúdos escolares das linguagens digitais contemporâneas, favorecendo o engajamento de estudantes e ampliando as possibilidades pedagógicas com o uso de recursos multimodais. Ao integrar elementos como humor, música, imagens e narrativas curtas, o TikTok promove um aprendizado mais dinâmico, participativo e situado nas práticas culturais juvenis. Com isso, a rede social se consolida como uma ferramenta potente tanto para a construção e democratização da História Pública quanto para a reinvenção de estratégias no Ensino de História (Abidin, 2020; Williams, 2022).

Com base no que foi exposto, este artigo, de caráter exploratório e panorâmico, tem como objetivo compreender o uso do TikTok como uma ferramenta inovadora no campo da História Pública, enfatizando seu potencial para democratizar o conhecimento histórico e ampliar a visibilidade de narrativas subalternas, muitas vezes negligenciadas nos currículos tradicionais. De igual modo, busca analisar como criadores de conteúdo de educação utilizam a plataforma para apresentar temas históricos desafiando narrativas estabelecidas. O texto também aborda os desafios associados, como a propagação de desinformação e a formação de bolhas algorítmicas⁸, propondo estratégias para potencializar o impacto educativo da plataforma por meio de práticas éticas e críticas de curadoria de conteúdo.

O texto organiza-se em seções que exploram o uso do TikTok na História Pública. A introdução contextualiza o crescimento da plataforma no Brasil e destaca sua relevância educacional e social. A seção “Diálogos entre História Pública e Ensino de História” aborda a convergência entre essas áreas, ressaltando práticas de professores e divulgadores de história no TikTok, com foco na democratização e diversificação das narrativas históricas. Em “Explorando o TikTok: funcionamento, algoritmo e implicações para a História Pública”, são analisados os mecanismos da plataforma, como o algoritmo e suas implicações para o ensino de história, além de destacar a

⁸ Embora seja possível identificar a formação de “bolhas algorítmicas” no TikTok e em outras redes digitais, é importante reconhecer que os usuários não atuam de forma passiva nesse processo. Ao acessar o TikTok, cada usuário interage com os vídeos e, assim, contribui para a construção de um algoritmo personalizado, por meio do qual conteúdos relacionados passam a ser exibidos na aba “Para Você”. Nesse contexto, o algoritmo pode, de fato, direcionar os usuários a determinados tipos de conteúdo, mas não o faz de maneira autônoma. Um exemplo é a pesquisa de Butzen e Dulci (2024b), que observou que a hashtag “#regimemilitar” no TikTok concentrava os conteúdos apologéticos à ditadura militar brasileira, ao passo que a hashtag “#ditaduramilitar” reunia, majoritariamente, conteúdos críticos ao regime.

metodologia de pesquisa adotada. As considerações finais sintetizam os achados, ressaltam os desafios e apontam o potencial da plataforma na disseminação de conteúdos históricos.

Diálogos entre História Pública e Ensino de História

O TikTok tem se tornado uma ferramenta que democratiza o conhecimento histórico por meio de vídeos curtos. Essa interação direta com o público captura a essência da História Pública, que visa expandir o alcance da história, promovendo a participação ativa da sociedade na construção e interpretação da memória coletiva. O algoritmo do TikTok amplia o alcance de narrativas históricas, reforçando a relevância da História Pública na era digital. Mas antes de explorarmos o impacto do TikTok para a História Pública, é essencial entendermos como a História Pública se desenvolveu como campo e prática.

A definição de História Pública, à primeira vista, pode parecer simples, uma vez que é amplamente entendida como a prática de levar a produção histórica para além dos limites acadêmicos. Contudo, como destacado por Liddington (2011) e Santhiago (2016), o conceito revela-se muito mais complexo. A História Pública pode ser vista como uma prática, uma disciplina acadêmica, um meio de divulgação científica, ou mesmo uma combinação dessas abordagens, o que torna desafiador atribuir-lhe uma única e definitiva classificação.

A História Pública tem conquistado cada vez mais espaço, tanto na produção quanto na pesquisa. Sua própria historicidade é marcada pela diversidade. Segundo Malerba (2018), a História Pública está associada a uma crise de empregabilidade entre formados em história nos Estados Unidos durante a década de 1970. Nesse contexto, esses profissionais direcionaram suas habilidades para atividades relacionadas à história e memória empresarial, museus e patrimônio, deslocando-se do ambiente acadêmico para o “mercado de trabalho”. No entanto, o fenômeno da História Pública não se restringiu aos Estados Unidos. Países como África do Sul, Austrália, Canadá e

Inglaterra também desenvolveram iniciativas que podem ser classificadas como História Pública a partir das décadas de 1970 e 1980⁹.

A História Pública pode ser enquadrada em uma das tipologias propostas por Santhiago (2016, p. 28), que a define como uma “história para o público”. De acordo com o autor, é possível identificar quatro tipos de atuação dentro da História Pública:

[...] a história feita *para* o público (que prioriza a ampliação de audiência); a história feita *com* o público (uma história colaborativa, na qual a ideia de “autoridade compartilhada” é central); a história feita *pelo* público (que incorpora formas não institucionais de história e memória); e *história e público* (que abarcaria a reflexividade e autoreflexividade do campo). Essa tipologia ajuda a elucidar que predominâncias e exclusividades são coisas bem diferentes (grifos do autor).

Assim, a História Pública não é somente “divulgação de história”. Vale ressaltar, utilizando a mesma ideia de Santhiago (2016), que a divulgação histórica não é algo “menor” por trazer uma linguagem que se conecta com o público alvo. Além disso, a história passou pela sua “virada digital”, na qual segundo Noiret (2015, p. 31-32):

Quase todas as problemáticas tradicionais do ofício de historiador, da delimitação de uma hipótese de pesquisa à descoberta, ao acesso e à gestão dos documentos e das fontes, até conseguir os fundamentos narrativos e, sobretudo, até a comunicação da história e dos resultados de pesquisa, e, finalmente, o ensino da história, passam agora em parte ou no todo, pela tela do computador.

Com o crescimento da internet, do seu acesso e do uso das redes sociais, ou seja, a passagem da Web 2.0 para sua segunda fase, a Web 3.0¹⁰:

[...] deve ser compreendida como história “viva” e “pública”, praticada de forma interativa por todos, e não mais limitada à atividade dos historiadores acadêmicos, que registram digitalmente, com frequência em formato fechado, as próprias publicações tradicionais (Noiret, 2015, p. 35).

⁹ Para uma análise da trajetória da História Pública em diferentes países, consultar Liddington (2011). Sobre a história da História Pública no Brasil, ver Santhiago (2016). Para compreender a diversidade e consolidação da História Pública, conferir Almeida e Rovai (2011).

¹⁰ A Web 2.0 é definida por plataformas interativas que possibilitam aos usuários criar e compartilhar conteúdo, como redes sociais e *blogs*, mas com controle centralizado por grandes corporações. Em contraste, a Web 3.0 visa descentralizar esse controle, empregando tecnologias como *blockchain* (um registro distribuído, seguro e imutável que organiza dados em blocos criptografados e sequenciais para rastrear transações e ativos), proporcionando aos usuários maior autonomia sobre seus dados e identidades digitais (Antonucci, 2020).

É nessa mesma fase da Web que podemos considerar a existência de uma “História Pública Digital”. Exemplos não faltam: observa-se um movimento crescente de organização de arquivos digitais e de atividades de *crowdsourcing* (colaboração coletiva aberta para a criação de conteúdo) voltadas à elaboração de arquivos, memórias e narrativas digitais com ampla participação (Noiret, 2015). Ademais, Lucchesi e Carvalho (2016) destacam que a História Digital criou possibilidades para a produção de conhecimento histórico além do ambiente acadêmico, permitindo o uso de uma ampla gama de fontes, do hipertexto e o surgimento de uma escrita “ao vivo”, com “autoria compartilhada”.

Carvalho (2016) ressalta um ponto relevante ao afirmar que as redes sociais se tornaram espaços privilegiados para que historiadores alcancem um público mais amplo, devido ao grande número de usuários. Diante disso, torna-se fundamental que os profissionais da área ocupem esses ambientes com o objetivo de combater a desinformação disseminada tanto nas redes quanto nas plataformas de entretenimento. Para tal, é essencial que se estabeleça um compromisso ético com a pesquisa e com o ensino dessas “histórias”.

As possibilidades de atuação da História Pública nos espaços digitais, como o TikTok, apresentam elementos em comum com a própria disciplina de Ensino de História. Abreu e Cunha (2019) afirmam que tanto a História Pública quanto o Ensino de História adotam uma perspectiva de autoria compartilhada e de engajamento ativo com o público, levando em consideração as demandas da audiência. Esse diálogo entre a História Pública e a formação de professores de história é reforçado na pesquisa de Abreu e Cunha (2019), a qual demonstra, ao investigar estudantes de licenciatura durante a disciplina de Estágio, que muitos foram motivados a se tornarem professores em razão de interações marcantes com formas de História Pública, como a história local, livros voltados para um público amplo e jogos eletrônicos históricos. Nesse contexto, pode-se afirmar que os chamados “professores-youtubers”, conforme categorizado por Dulci e Queiroga (2019), ou, adaptando ao tema em questão, os “professores-tiktokers”, desempenharão um papel relevante na formação dos futuros docentes de História no Brasil.

A prática da História Pública e a disciplina de Ensino de História configuram uma “fronteira”, um espaço de diálogo caracterizado como uma “via de mão dupla” (Souza, 2019) ou um “entre-lugar” (Wanderley, 2020), funcionando como uma “zona de contato” entre o saber escolar e a divulgação ampliada de história. Além disso, conforme Wanderley (2020), a História Pública também se dedica ao aprendizado histórico. Baseando-se nas análises de Jörn Rüsen, a autora argumenta que tanto a História Pública quanto a história trabalhada na Educação Escolar compartilham preocupações sobre como se pensa e se aprende história, o papel da história como orientadora na vida humana e sua relação com a vida prática, especialmente nos usos cotidianos que as pessoas fazem dela. Essas demandas comuns entre a História Pública e o Ensino de História posicionam ambas as áreas como parte integrante da Didática da História (Wanderley, 2020). Não por acaso, muitos professores de história, como este artigo destaca, estão presentes atualmente no TikTok, empenhados em discutir e disputar aprendizados históricos em uma plataforma de amplo alcance.

Assim, ao resumir os pontos de contato e a interdisciplinaridade entre a História Pública e o Ensino de História, Souza (2019, p. 118) mostra:

[...] o caráter intrinsecamente público das disciplinas escolares; a opção por divulgar o conhecimento histórico para audiências mais amplas; a consideração por narrativas históricas não acadêmicas; a crítica à hierarquização dos saberes e à dicotomia acadêmico/público; a produção colaborativa dos saberes e a autoridade compartilhada; as relações com a História do tempo presente; a elaboração de significados e sentidos históricos no próprio processo de produção do conhecimento e, por fim, a “mediação didática” como instrumento para a publicização dos saberes históricos.

Com base no que foi exposto, é possível afirmar que faz parte dos estudos de História Pública e de Ensino de História compreender como se ensina e se aprende história. Essas áreas de produção, divulgação e pesquisa em história buscam compreender como as sociedades interpretam e problematizam o presente, questionam o passado e projetam o futuro.

Para explorar essas dinâmicas de produção de história, este estudo apresenta uma das possibilidades de análise: compreender como professores e divulgadores de história atuam na rede social/entretenimento TikTok. Para isso, empregamos uma metodologia específica para análise e descrição do espaço digital (netnografia), além de

examinar os principais tipos de vídeos, temas históricos abordados e o engajamento/popularidade das produções históricas na plataforma.

Explorando o TikTok: funcionamento, algoritmo e implicações para a História Pública

As plataformas digitais, como o TikTok, estão em constante evolução. Compreender o funcionamento do TikTok pode parecer simples, dado seu caráter intuitivo, mas também é desafiador, exigindo um uso contínuo para captar seus fenômenos únicos. A simplicidade da plataforma se reflete na facilidade com que ela cativa os usuários logo após a criação de uma conta. No entanto, a complexidade se revela com o uso constante, onde apenas a imersão prolongada permite compreender seus elementos específicos, o que pode ser estudado por meio da netnografia, uma metodologia etnográfica aplicada ao ambiente digital (Kozinets, 2014; Butzen; Dulci, 2025).

A netnografia, conceito trabalhado por Robert Kozinets desde o final da década de 1990, é uma metodologia para compreender como a sociedade se comporta, mediada pelas diversas tecnologias e pela internet (Kozinets, 2014). A netnografia usa “[...] comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal” (Kozinets, 2014, p. 62). Como metodologia, Kozinets (2014, p. 63) propõe cinco etapas para investigar através da netnografia: (1) definição das questões da pesquisa, dos *websites* e dos tópicos a serem investigados; (2) identificação e seleção da comunidade; (3) observação participante da comunidade e coleta de dados; (4) análise de dados e interpretação dos resultados; e, por fim, (5) redação, apresentação e relato dos resultados da pesquisa e suas implicações teóricas/práticas.

Segundo Adriaansen (2022), em estudo citado por Guinaudeau et al. (2020), o que diferencia o TikTok de outras plataformas de mídias sociais é a combinação de quatro características principais: um *feed* contínuo de conteúdo variado (fluxo dinâmico de publicações exibidas ao usuário, como a página “Para Você”), o uso de linguagens visual e verbal para comunicar emoções de forma eficaz, um algoritmo avançado de recomendação e uma interface otimizada para dispositivos móveis, como smartphones,

que utiliza de forma eficiente a câmera frontal¹¹. Além disso, a centralidade da página “Para Você” facilita a visualização rápida dos vídeos, já que o usuário não precisa procurar ativamente por conteúdo ou esperar atualizações dos perfis que segue. A plataforma também possibilita ganhos financeiros com vídeos produzidos. Para atender a esses critérios, os vídeos precisam ter mais de um minuto de duração, o perfil deve registrar pelo menos 100 mil visualizações no último mês e contar com no mínimo 10 mil seguidores.

Ao entrevistar divulgadores de ciência no TikTok (entre eles também professores de história), Kletemberg (2023, p. 65) destaca três vantagens da plataforma segundo os criadores: (1) altas taxas de viralização, alcance e engajamento dos conteúdos produzidos devido ao algoritmo; (2) incentivos da plataforma para a realização de conteúdos educacionais; e (3) o TikTok é de fácil uso e manuseio.

No levantamento dos conteúdos históricos no TikTok, adotamos uma abordagem qualitativa, realizando uma busca manual por perfis relacionados à história na plataforma. Inserimos no buscador termos como “história”, “professores de história” e “aprender história”, utilizando a aba “Melhores” como filtro. Ao longo da navegação e da interação com esses conteúdos, o próprio algoritmo da plataforma passou a sugerir diversos perfis e produções, que também foram incorporados à pesquisa.

Nem todos os perfis foram incluídos, em razão do escopo reduzido deste artigo. A aba “Melhor” do TikTok indicou os perfis mais relevantes, com maior engajamento na plataforma. Embora fosse possível localizar outros perfis por meio das abas “Usuários”, “Vídeos” e “LIVE”, optamos por focar naqueles com maior número de seguidores e que aparecem entre os primeiros resultados de busca. Um problema metodológico importante identificado durante a netnografia foi a necessidade de criar uma conta para realizar as buscas: sem estar conectado a um usuário, o TikTok não exibe dados completos, e os resultados apresentados variam significativamente. O uso da aba anônima do navegador também não produziu efeitos relevantes. Por fim, a força do algoritmo da plataforma é tamanha que, a partir do momento em que se começa a navegar — bastando assistir a um vídeo por mais de três segundos —, ele já passa a

¹¹ É importante mencionar que, desde 2024, o TikTok pode ser acessado e utilizado diretamente no computador, incluindo a gravação de conteúdos, como transmissões ao vivo, por meio do próprio dispositivo.

moldar os resultados com base nos hábitos de consumo do usuário. Fazer netnografia no TikTok, portanto, não é uma observação neutra — o que, aliás, é uma condição compartilhada por toda investigação científica.

A netnografia dos perfis foi realizada entre novembro de 2024 e julho de 2025, por meio da imersão nos vídeos e postagens. Os dados dos perfis foram coletados entre os dias 09/01/2025 e 11/01/2025, sendo atualizados em 22/07/2025. Embora as informações sistematizadas possam rapidamente se tornar desatualizadas, especialmente em perfis mais ativos que postam frequentemente, métricas como engajamento, número de seguidores e temas populares continuam sendo parâmetros relevantes para análise. Como critérios de investigação, consideramos principalmente os seguintes aspectos relacionados aos perfis: (1) nome do perfil; (2) número de seguidores; (3) total de curtidas gerais; e (4) tema geral do perfil¹².

Com base nesses critérios, é possível identificar aspectos relevantes da produção e divulgação histórica no TikTok. Devido às limitações deste artigo, foram selecionados apenas os perfis com mais de 10 mil seguidores, os quais já estão monetizados e podem ser classificados como “criadores de conteúdo”¹³. Ao todo, foram analisados 24 perfis. O número de seguidores, combinado com a métrica de curtidas gerais, reflete o interesse dos usuários no tipo de conteúdo, na figura do criador ou nos temas abordados. A tabela está organizada pelo número de seguidores, listando primeiramente os perfis com maior alcance. A linha temática está relacionada aos conteúdos mais recentes dos vídeos¹⁴. Colocamos também *hiperlinks* nos nomes dos perfis para facilitar o acesso.

¹² Reconhecemos que a temática de um perfil pode se modificar ao longo do tempo. Por isso, adotamos como referência a linha temática mais recente, levando em conta também a autoidentificação declarada pelo próprio perfil.

¹³Nosso levantamento incluiu também perfis menores, cuja análise detalhada de conteúdo será abordada em um futuro artigo. Outro aspecto relevante diz respeito ao critério de seleção dos criadores de conteúdo: as informações coletadas podem se tornar obsoletas em questão de dias, uma vez que é possível comprar seguidores (o que transforma rapidamente um usuário em criador de conteúdo com fins de monetização) ou repostar vídeos de outros perfis (obtendo, assim, engajamento a partir de material originalmente produzido por terceiros). Práticas como compra de seguidores e repostagem de conteúdo são veementemente analisadas e penalizadas pelo próprio TikTok, que não as considera válidas. Como impacto direto para pesquisas que buscam compreender o pensamento histórico na plataforma, destaca-se a volatilidade dos resultados, um sintoma típico do regime de historicidade atualista (Pereira; Araujo, 2019).

¹⁴É importante ressaltar que a linha temática geral de um perfil varia conforme as circunstâncias e o engajamento recebido. É comum que os “criadores” aproveitem temas em evidência no TikTok (“trends”/“tendências”) e até mesmo fora da plataforma, como efemérides ou notícias de alcance nacional ou internacional. Nesse sentido, é difícil identificar um tema único abordado por um perfil. Além disso, a

Tabela 1: Perfis de criadores de conteúdo no TikTok: temas históricos, engajamento e popularidade

Perfil	Seguidores	Curtidas	Linha Temática
<u>@dedaaladim</u>	2.4 milhões	58.4 milhões	História escolar, curiosidades e ENEM
<u>@tinocandotv</u>	2.1 milhões	83.3 milhões	Comentários de notícias e curiosidades
<u>@opbarbarussa</u>	1.2 milhões	25.5 milhões	Curiosidades históricas
<u>@tanahistoria</u>	478.3 mil	7.7 milhões	História local do Rio de Janeiro
<u>@odirfontoura</u>	458.7 mil	11.1 milhões	História das religiões
<u>@vogalizandoahistoria</u>	404.6 mil	4.2 milhões	Curiosidades históricas
<u>@historianopaint</u>	199 mil	15.5 milhões	Memes históricos
<u>@luizottoni1</u>	189.1 mil	2 milhões	História do Brasil (Brasil Império)
<u>@pilulasincriveis</u>	188.2 mil	4.2 milhões	História Geral e Geopolítica
<u>@profdanilodohistoriaetu</u>	142 mil	6.6 milhões	Monarquias e cotidiano escolar
<u>@guilhermedobrychtop</u>	125 mil	6.2 milhões	Literatura e história
<u>@historiapreta</u>	119.6 mil	833.9 mil	História da população negra
<u>@laviniarochaf</u>	96.1 mil	2.4 milhões	História e cotidiano escolar
<u>@goledehistoria</u>	97.9 mil	2.1 milhões	Religiões de matriz africana e curiosidades
<u>@historianamao</u>	122.6 mil	3.7 milhões	História das Monarquias
<u>@karulinyferreira</u>	60.5 mil	889.7 mil	História escolar e cotidiano escolar
<u>@questaodehistoria</u>	63.4 mil	993.1 mil	História da África e da Escravidão Brasileira
<u>@mateusizacc</u>	57 mil	909.9 mil	História do futebol
<u>@profvitorsoares</u>	60.7 mil	1.1 milhões	Curiosidades históricas
<u>@dosesdahistoria</u>	20.6 mil	196.6 mil	História escolar
<u>@profjoaoemanoel_historia</u>	17.9 mil	203.5 mil	História do Nordeste brasileiro
<u>@ianchaves</u>	14.7 mil	264.5 mil	História do Nordeste brasileiro
<u>@kellvila</u>	18 mil	633.3 mil	História e cotidiano escolar
<u>@marcossorrilha1</u>	12 mil	263.3 mil	História dos EUA

Fonte: autores

Os 24 perfis selecionados abordam conteúdos relacionados à História. Alguns tratam do tema de forma mais direta, como o perfil @marcossorrilha1, do professor Marcos Sorrilha, docente de História da América na Universidade Estadual de São

partir da netnografia, observa-se que perfis voltados à “História Geral” (excluindo História do Brasil e da América Latina) e a curiosidades históricas amplas tendem a ter maior engajamento, gerando um processo de retroalimentação.

Paulo (UNESP). Outros mantêm uma relação mais indireta com o cotidiano escolar e o ensino de História, como os perfis @kellvila, da professora Keilla Vila Flor, e @laviniarochaf, da professora Lavinia Rocha, que frequentemente discutem temas como o combate ao racismo em sala de aula, os desafios relacionados ao saber histórico no ambiente escolar e as dinâmicas da educação em espaços formais. Há ainda perfis cuja atuação como professor de História não foi declarada ou identificada, como o perfil @tinocandotv, de Marcos Tinôco, ou que não atuam diretamente em sala de aula, como @pilulasincriveis, do professor Felipe da Mata, que oferece um curso online de formação em História e Geopolítica.

É possível observar que alguns perfis consolidados de professores de história e de historiadores públicos também ocupam posições de destaque no TikTok. Um exemplo notável é o perfil @deboraaladim, de Débora Aladim, que publica vídeos de história há anos e desempenha um papel relevante no YouTube desde 2013, além de ter forte presença no Instagram. Aladim é um caso de sucesso em termos de números e influência em diversas plataformas que priorizam vídeos, oferecendo cursos de ensino de história com foco no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Embora seu perfil no TikTok inclua conteúdos relacionados à história, os vídeos mais recentes destacam aspectos de sua vida pessoal. O vídeo mais visualizado está relacionado à cirurgia facial que realizou, enquanto o segundo mais popular, em termos de curtidas e engajamento, aborda de forma cômica os nomes dos membros de sua família. Isso não significa que o perfil de Aladim não trate de história, mas evidencia como o trabalho com história nas redes sociais está fortemente vinculado à figura pessoal dos criadores.

A partir da análise da tabela, identificamos uma relação entre o número de seguidores e a linha temática dos perfis. No processo de netnografia dos conteúdos produzidos, observamos uma diversidade de temas significativa. A categoria “curiosidades históricas” foi atribuída a perfis que abordam diferentes tipos de história — tanto “história geral” quanto “história do Brasil” — frequentemente mesclando esses conteúdos com assuntos considerados exóticos ou “curiosos”. Esses perfis tendem a privilegiar temas como monarquias, guerras e nazismo. Outra característica marcante dos vídeos de curiosidades é a alternância de formatos, que variam entre explicações diretas e abordagens mais interativas, muitas vezes em tom cômico e com potencial de

viralização. Longe de condenar esse tipo de conteúdo, percebemos que a perspectiva das “curiosidades” é amplamente explorada por diversos perfis, especialmente por aqueles com maior número de curtidas e seguidores¹⁵.

Outro exemplo que privilegia temas diversos é o perfil @historianopaint, do professor Leandro Marin, que foca principalmente em compartilhar “memes históricos”. De forma semelhante, o perfil @profdanilodohistoriaetu, do professor Danilo Leandro, apresenta conteúdos variados que incluem aspectos do cotidiano escolar. No entanto, nota-se uma predileção pela história das monarquias, tanto as europeias quanto a brasileira, com destaque especial para as mulheres, configurando uma espécie de abordagem centrada na história das mulheres.

A atuação desses professores de história e historiadores públicos vai além da simples apresentação de uma narrativa histórica. No perfil @opbarbarussa, do professor João Pedro Rangel, observa-se, além das narrativas, um estilo de conteúdo conhecido como *React*¹⁶, no qual o autor se dedica a desmentir e criticar interpretações históricas equivocadas, incluindo teorias conspiratórias ou formas de negacionismo histórico. Uma abordagem semelhante é realizada no perfil @luizottoni1, do professor Luiz Ottoni, onde os *Reacts* têm um papel central em sua produção, desempenhando uma função significativa no combate à desinformação histórica, em consonância com a perspectiva defendida por Carvalho (2016).

A categoria “História escolar” foi utilizada para classificar perfis como o de Samuel Nepomuceno (@dosesdahistoria) e Karuliny Ferreira (@karulinyferreira), que abordam principalmente conteúdos comumente ensinados em sala de aula. Essa prática evidencia como professores de História também utilizam o TikTok para divulgar conteúdos diretamente vinculados ao universo escolar, alcançando tanto estudantes quanto outros docentes, além de possibilitar o uso desses materiais em pesquisas e nas próprias aulas de História. Por fim, é importante destacar que, embora muitos perfis com maior número de seguidores tratem de temas variados, ainda existem perfis grandes e médios que se dedicam a abordagens específicas, estruturando seus conteúdos

¹⁵ Uma das principais críticas a uma História Pública repleta de “curiosidades”, que se afasta das práticas da história acadêmica, foi feita por Malerba (2018). Em nossa visão, embora o TikTok comporte esse tipo de narrativa – o que, por si só, não constitui um problema –, sua potencialidade vai além disso.

¹⁶ De forma simplificada, o *React* consiste em o criador de conteúdo assistir a um vídeo específico e compartilhar suas impressões simultaneamente.

em torno de uma temática recorrente. É justamente nesses perfis de professores de História que encontramos discussões sobre temas frequentemente marginalizados na historiografia, especialmente no que se refere à chamada “história do Brasil”.

Nesse contexto, dois perfis de grande alcance se destacam por abordar, principalmente, a história do Nordeste brasileiro: o perfil @profjoaoemanuel_historia, de João Emanoel, professor de História da rede básica do Ceará, e o perfil @ianchaves_, do professor Ian Chaves, de Pernambuco. Ambos promovem uma nova perspectiva sobre a história nordestina, disputando, assim, a geografia disciplinar da historiografia brasileira (Santos, 2020) e desafiando os estereótipos historicamente associados à região.

De modo semelhante, a história afro-brasileira, africana e a crítica ao racismo também ocupam lugar de destaque nesses perfis. Um exemplo é o perfil @historiapreta, de Thiago André, que aborda a história do povo preto brasileiro e discute questões étnico-raciais. Além de criar conteúdo para o TikTok, André é responsável pelo podcast *História Preta* e pela página homônima no Instagram, evidenciando sua atuação em diferentes plataformas. Em suas produções, ele não apenas informa e divulga, mas resgata a história da negritude brasileira, historicamente silenciada e marginalizada. Outro perfil relevante é @questaodehistoria, do professor Higor Ferreira, que também trabalha a história afro-brasileira, com ênfase na escravidão no Brasil e na História da África. Sobre este último tema, Ferreira apresenta, em seus vídeos, atividades desenvolvidas durante sua atuação como docente na rede básica do Rio de Janeiro. Ambos os perfis evidenciam a centralidade da história dos negros no Brasil, promovendo reflexões fundamentais e fomentando um aprendizado histórico crítico voltado à história afro-brasileira.

Dessa forma, em um cenário tão variado como o da produção de conteúdos históricos no TikTok, pode-se concluir que a integração de elementos multimodais (isto é, que combinam diferentes linguagens, como imagem, som, texto e movimento) é uma característica presente nas produções históricas de maior engajamento. Essa abordagem não apenas amplia as possibilidades de transmissão do conhecimento histórico, como também transforma a maneira como a história é percebida e consumida pelo público. Ao combinar recursos visuais, sonoros e textuais, os criadores de conteúdo tornam as

narrativas históricas mais acessíveis e atraentes, rompendo com as formas tradicionais de apresentação da história.

No contexto da História Pública, essa abordagem multimodal desempenha um papel fundamental ao dialogar com diferentes públicos e criar novas formas de engajamento. Ela permite que temas complexos sejam apresentados de forma simplificada, sem perder a profundidade necessária, alcançando uma audiência mais ampla e diversificada. Conforme Adriaansen (2022), em sua investigação sobre pensamento histórico em vídeos no TikTok, a combinação de colagens, imagens, músicas, textos e narrações cria um produto multimidiático que transcende os limites da narração histórica convencional. A pesquisa de Adriaansen utiliza análises qualitativas de vídeos publicados na plataforma e demonstra como esses elementos, quando integrados, enriquecem a experiência do público e tornam o aprendizado histórico mais dinâmico. Já no campo do Ensino de História, a integração de elementos multimodais oferece grande potencial pedagógico. Professores podem utilizar vídeos multimidiáticos para despertar o interesse dos estudantes e facilitar a compreensão de temas complexos, promovendo um aprendizado mais significativo e interativo.

Por fim, a convergência entre a História Pública e o Ensino de História no uso de abordagens multimodais evidencia o potencial dessas práticas para promover reflexões críticas sobre o passado e conectar narrativas históricas ao cotidiano contemporâneo. Essa convergência já é visível em projetos educacionais que utilizam o TikTok como ferramenta de ensino, incentivando discussões interativas entre estudantes e professores. Assim, a integração de recursos multimodais não apenas democratiza o conhecimento histórico, mas também enriquece a experiência de aprendizagem, tornando-a mais acessível e relevante para as novas gerações.

Considerações finais

Os objetivos propostos na introdução foram alcançados ao mapearmos a presença de conteúdos de História no TikTok, analisando seus formatos, temáticas predominantes e estratégias de engajamento. A partir da netnografia aplicada, foi possível identificar padrões narrativos e disputas simbólicas que envolvem a produção

de conteúdo histórico na plataforma, com especial atenção às ambivalências entre circulação, alcance e qualidade informativa.

Em síntese, o TikTok tem se consolidado como uma plataforma poderosa não apenas para o entretenimento, mas também para a disseminação de conteúdos históricos e educacionais. Seu formato de vídeos curtos, combinado a um algoritmo altamente personalizado, permite que temas históricos alcancem grande visibilidade e um público diversificado. Criadores de conteúdo têm explorado ferramentas interativas como duetos (vídeos divididos em tela com outra publicação, geralmente para reagir ou complementar), costuras (recursos que permitem incorporar parte de um vídeo de outro usuário e adicionar uma continuação ou comentário) e carrosséis (sequência de imagens ou vídeos curtos organizados em formato deslizável dentro de uma mesma postagem) para viralizar tópicos complexos, reafirmando o TikTok como um espaço dinâmico de circulação histórica e aproximando o público jovem de questões muitas vezes distantes do ambiente escolar ou acadêmico.

No entanto, o uso do TikTok para fins educativos enfrenta desafios significativos. A mesma dinâmica que amplia o alcance dos conteúdos pode favorecer a propagação de desinformação e simplificações excessivas. Bolhas algorítmicas, ao reforçarem a exposição dos usuários a conteúdos alinhados às suas interações prévias, podem limitar a diversidade de perspectivas e comprometer a pluralidade necessária para abordar temas históricos de forma equilibrada. Essas questões reforçam a necessidade de práticas éticas e responsáveis por parte de criadores de conteúdo.

É importante destacar que os algoritmos do TikTok não operam de forma neutra: eles favorecem conteúdos mais engajados, influenciando quais narrativas históricas ganham visibilidade. Ademais, a lógica de monetização da plataforma – baseada em visualizações, patrocínios e parcerias – pode induzir os criadores a produzirem conteúdos sensacionalistas, simplificados ou alinhados a tendências ideológicas dominantes. Esses fatores impõem limites à circulação de conteúdos historicamente rigorosos, especialmente quando confrontam narrativas hegemônicas ou negacionistas.

Uma possível solução seria a adoção de sistemas de curadoria específicos para conteúdos históricos. Ferramentas como verificações de confiabilidade, rótulos educacionais e ajustes nos algoritmos para ampliar o acesso a perspectivas diversas

podem contribuir para um consumo mais crítico e reflexivo. Iniciativas como as de criadores que desmentem desinformação ou que abordam temas marginalizados mostram que há potencial para tornar o TikTok um espaço ainda mais relevante para a História Pública e o Ensino de História.

Além disso, o TikTok desempenha um papel crucial na democratização da história, ao dar visibilidade a narrativas muitas vezes negligenciadas, como as de comunidades afrodescendentes e indígenas. A interação direta entre criadores e público, aliada ao formato multimodal dos vídeos, promove o engajamento com o conhecimento histórico de forma inclusiva e acessível. Essa característica reflete um dos princípios centrais da História Pública: a democratização do saber histórico e a inclusão de múltiplas perspectivas.

Por fim, no contexto do Ensino de História, o TikTok se apresenta como uma ferramenta pedagógica inovadora, capaz de enriquecer as aulas, engajar estudantes e abordar temas complexos de forma interativa. Com o uso ético e estratégico da plataforma, é possível promover diálogos críticos e reflexões sobre o passado, contribuindo para a construção de uma consciência histórica plural. Dessa forma, o TikTok pode transcender o entretenimento, consolidando-se como um espaço significativo para a educação e a História Pública na era digital.

Nesse sentido, este estudo abre espaço para novas investigações. Para pesquisas futuras, consideramos frutífero ampliar a amostra de perfis analisados, incluindo criadores de outros países da nossa região ou explorando recortes temáticos específicos, como a presença de conteúdos sobre ditaduras militares. Estudos comparativos entre plataformas (Instagram, Youtube e Kwai) também podem revelar diferentes regimes de visibilidade e engajamento.

Referências:

- ABIDIN, Crystal. Digital (counter)publics: Resisting the mainstream through TikTok justice content. In: *Critical Technocultural Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2020. Disponível em: <https://academic.oup.com/edited-volume/58202/chapter/482139764>. Acesso em: 29 out. 2024.

ABREU, M. S. de; CUNHA, N. R. de C. Cultura de história, história pública e ensino de história: a investigação e formação de professores de história. *Revista História Hoje*, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 111–134, 2019. DOI: 10.20949/rhhj.v8i15.527. Disponível em: <https://rhhj.emnuvens.com.br/RHHJ/article/view/527>. Acesso em: 17 jan. 2025.

ADRIAANSEN, Robbert-Jan. Historical Analogies and Historical Consciousness: user-generated history lessons on tiktok. In: CARRETERO, Mario; CANTABRANA, María; PARELLADA, Cristian (ed.). *History Education in the Digital Age*. [S.I.]: Springer, 2022. p. 43-62. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-031-10743-6_3. Acesso em: 17 jan. 2025.

ALMEIDA, JunieleRabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: ALMEIDA, JunieleRabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 7-18.

ANTONUCCI, Fred. Understanding Web 3.0 and itsImpactonthe Internet. *Journal of Digital Innovation*, v. 12, n. 4, p. 35-44, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10639-023-11904-4>. Acesso em: 29 out. 2024.

BUTZEN , Gabriel Antonio; SPYER DULCI, TerezaMaria. É POSSÍVEL APRENDER HISTÓRIA NO TIKTOK?. *Horizontes Históricos*, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 236–255, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/HORIZONTES/article/view/22099>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BUTZEN, G. A.; DULCI, T. M. S. 60 ANOS DO GOLPE MILITAR: memórias e controvérsias no TikTok. *Sillogés*, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 507-534, 31 jul./dez. 2024b. Disponível em: <https://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/156>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BUTZEN, Gabriel Antonio; DULCI, Tereza M. Spyer. Netnografia como metodologia científica para pesquisa histórica nas redes sociais: o TikTok como estudo de caso. *Revista Hominum*, [S.I.], v. 11, n. 28, p. 65-72, maio 2025. Disponível em: <https://www.revistahominum.com/2025/05/edicao-28-edicao-de-maio-2025/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública e Redes Sociais na Internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. *Revista Transversos*, [S.L.], v. 7, n.

- 7, p. 35-53, 30 set. 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/25602>. Acesso em 17 jan. 2025.
- CAYONO, P.; PERDHANI, R. The role of TikTok in fostering student engagement and creativity in online learning environments. *Global Academic Excellence Journal*, v. 8, n. 52, 2023. Disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso em: 29 out. 2024.
- CONDE-CABALLERO, D.; CASTILLO-SARMIENTO, C. A. BALLESTEROS-YÁNEZ, I.; et al. Microlearning through TikTok in Higher Education: An evaluation of uses and potentials. *Education and Information Technologies*, v. 29, p. 2365-2385, 2024. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10639-023-11904-4>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- DECENILLA, Shelly April et al. Improving Student Knowledge on Selected History Topics through Tiktok Platform as Digital Learning Tool. *Journal Of Digital Learning And Education*, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 134-149, 27 dez. 2022. Disponível em: <https://journal.moripublishing.com>. Acesso em: 29 out. 2024.
- HAYES, C.; STOTT, K.; LAMB, K. J.; HURST, G. A. Chemistry outreach through TikTok: Engaging the public in science. *Journal of Chemical Education*, 2020. Disponível em: <https://icce2022.apsce.net>. Acesso em: 29 out. 2024.
- HERCAMPUSMEDIA. *Genzology*. [S.I.]: Her Campus Media, 2024. Disponível em: <https://www.hercampusmedia.com/q1-2024-genzology>. Acesso em: 1 dez. 2024.
- KEMP, Simon. *Digital 2024:brazil*. Brazil. 2024. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. Acesso em: 04 out. 2024.
- KLETEMBERG, Karen Sailer. *Ciência no TikTok: o uso da plataforma como suporte midiático para divulgação científica*. 2023. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2023. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/163422/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado%20-%20Karen%20Sailer%20Kletemberg.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.

LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, JunieleRabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). *Introdução à história pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 31-52.

LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História digital: reflexões, experiências e perspectivas. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, JunieleRabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 149-164.

MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou: como cada um escreve a História?: Uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não-acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre PublicHistory. In: MALERBA, J. *Notas à margem: teoria e crítica historiográfica*. Serra: Milfontes, 2018. p. 123-158.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. TikTok como novo suporte midiático para a aprendizagem criativa. *Revista Latino-Americana de Estudos Científicos*, p. 05-20, 2020. Disponível em: <http://revistalatinoamericanaestudoscientificos.com/artigo/tiktok-aprendizagem-criativa>. Acesso em: 29 out. 2024.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. *Liinc em Revista*, [s.I.], v. 11, n. 1, p. 28-51, maio 2015. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>. Acesso em: 17 jan. 2025.

OLSEN, Deidre. TikTok in the Classroom: The Good, the Bad, and the In-Between. *Teach Magazine*, May/June 2023. Disponível em: <https://teachmag.com/tiktok-in-the-classroom>. Acesso em: 29 out. 2024.

OPINIONBOX. *Relatório TikTok no Brasil 2024*: dados sobre o comportamento dos usuários da rede social do momento. Dados sobre o comportamento dos usuários da rede social do momento. 2024. Disponível em: <https://materiais.opinionbox.com/infografico-tiktok>. Acesso em: 04 out. 2024.

QUEIROGA JÚNIOR, Tarácio; DULCI, Tereza. “Professores-Youtubers” análise de três canais do youtube voltados para o ensino de História. *Escritas do Tempo*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 04–29, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/410>. Acesso em: 17 jan. 2025.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 23-26.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. *A invenção da historiografia brasileira profissional: geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no brasil*. Vitória: Milfontes, 2020.

SOUZA, Diego Gomes. ENSINO DE HISTÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA: territórios comuns, zonas de contato e diálogos possíveis. *Revista Ars Historica*, [S.I.], v. 18, n. 1, p. 104-120, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ars/article/view/46670>. Acesso em: 09 jan. 2025.

ULLA, Mark B.; LEMANA II, Henry E.; KOHNKE, Lucas. Unveiling the TikTok Teacher: The Construction of Teacher Identity in the Digital Spotlight. *Journal of Interactive Media in Education*, v. 2024, n. 1, p. 12, 2024. Disponível em: <https://jime.open.ac.uk/articles/10.5334/jime.845>. Acesso em: 29 out. 2024.

WANDERLEY, S. O entrelugar do aprendizado escolar de História: uma perspectiva de História Pública. *Revista História Hoje*, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 125–144, 2020. DOI: 10.20949/rhhj.v9i18.696. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/696>. Acesso em: 9 jan. 2025.

WILLIAMS, Jenna M. *Reconstituting Indigenous Identity on #NativeTikTok: Navigating narratives of erasure mediated by the ‘For You’ algorithm*. 2022. M.A. Thesis — University of Chicago, 2022. Disponível em: <https://knowledge.uchicago.edu/record/4221>. Acesso em: 29 out. 2024.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 07/02/2025
Aprovado em: 31/07/2025